

**COIL COMO ESTRATÉGIA DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR:
POTENCIALIDADES PARA INOVAÇÃO, CIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
ODS (04, 08 e 10)**

Daniele Aparecida Rosa Teixeira (Universidade de Taubaté)
Fernanda Garcia Montoya Ribeiro Correia (Universidade de Taubaté)
Tálita Suelen de Oliveira Guarino (Universidade de Taubaté)
Prof^a. Dr^a. Adriana Leônidas de Oliveira (Universidade de Taubaté)
Prof. Dr. Lourival da Cruz Galvão Júnior (Universidade de Taubaté)
Prof^a. Dr^a. Mônica Franchi Carniello (Universidade de Taubaté)
Prof^a. Dr^a. Viviane Fushimi Velloso (Universidade de Taubaté)

Resumo

O presente artigo analisa a aplicação da metodologia *Collaborative Online International Learning* (COIL) no ensino superior brasileiro, com foco em experiências virtuais de internacionalização, desenvolvimento de competências interculturais, digitais e linguísticas, e impactos no desenvolvimento regional. Trata-se de uma revisão sistemática de literatura recente (2020 a 2025), combinada com relato de experiência envolvendo 32 estudantes e 5 docentes de um projeto realizado entre a Faculdade Pública Estadual de Guaratinguetá e a Yerevan State University da Armênia, que promoveu atividades colaborativas online durante sete semanas. A análise qualitativa, baseada em registros de atividades, feedbacks e anotações reflexivas, evidenciou que a COIL promove ganhos significativos em competência intercultural e digital, fortalecimento da autoconfiança para comunicação em inglês e desenvolvimento de habilidades pedagógicas para estudantes que atuaram como docentes. Além disso, a metodologia contribui para a internacionalização inclusiva e para a aproximação de objetivos educacionais com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 4, 8 e 10), favorecendo a equidade, a empregabilidade e a inovação regional. A partir da perspectiva da Tétrade de McLuhan (1977), observou-se que a COIL intensifica a colaboração global, torna obsoleta a dependência exclusiva da mobilidade física, recupera o sentido de comunidade acadêmica em rede e, quando levada ao extremo, pode reverter-se em desafios ligados à sobrecarga docente e à desigualdade de infraestrutura. OS resultados indicam que, com suporte institucional, co-planejamento docente e desenho de atividades colaborativas, a COIL se consolida como ferramenta eficaz de aprendizagem internacional, democratizando o acesso a experiências globais e potencializando a formação acadêmica e profissional em contextos de mobilidade restrita. Por fim, ressalta-se a importância de pesquisas científicas voltadas para a verificação dos resultados a longo prazo e para a melhora das práticas e investimentos destinados ao aperfeiçoamento desta metodologia.

Palavras-chave: Internacionalização; COIL; Interculturalidade; Desenvolvimento Regional.

Introdução

A internacionalização da educação, corresponde ao interesse de diversos países em promoverem uma integração educacional na dimensão global, intercultural e internacional nos objetivos, funções e na oferta em todas as suas fases, pois envolve trocas entre alunos e professores, desenvolvimento de competências, cooperação entre instituições e a criação de uma cultura institucional que valorize e apoie iniciativas universais.

A “internacionalização em casa”, tradicionalmente, está associada à mobilidade acadêmica, pois tem motivado ações e estratégias com foco na ampliação do acesso e da equidade na área da Educação (Hackett et.al., 2014).

A Collaborative Online International Learning (COIL), como é conhecida na língua inglesa, surge nesse cenário como um método que articula colaboração internacional, mediação tecnológica e metas interculturais explícitas. Ao reunir instituições parceiras, a COIL oferece experiências globais aos estudantes que não podem se deslocar fisicamente, mas que também não querem abrir mão da qualidade pedagógica, nem de objetivos de aprendizagem bem definidos. De acordo com Hackett et.al (2014), a COIL apresenta-se como uma alternativa para atender às demandas contemporâneas e aos conhecimentos interculturais e digitais.

Na prática, a COIL, apoia-se na perspectiva socioconstrutivista da aprendizagem colaborativa em que os estudantes trabalham em conjunto, presencial ou virtualmente, para resolver problemas, realizar tarefas e produzir resultados, com foco na construção de conhecimento por meio da interação social. O papel do docente é, sobretudo, o de facilitar o processo, enquanto os próprios estudantes aprendem uns com os outros.

Na implementação, a COIL conecta docentes de instituições localizadas em países diferentes para planejar um percurso comum. Esse desenho inclui um currículo compartilhado, atividades de grupo on-line e objetivos de aprendizagem cocriados. Em geral, formam-se equipes multiculturais por um período de quatro semanas a um semestre, combinando aprofundamento do conteúdo e da disciplina com o

desenvolvimento de competências interculturais. As tarefas são planejadas de modo intencional para promover trocas entre culturas, oferecendo ao estudante uma experiência internacional autêntica na própria instituição (Hackett et al., 2023).

Evidências indicam que a COIL favorece o desenvolvimento da competência intercultural, por isso, este estudo busca analisar e fazer um paralelo entre os conceitos e competências da COIL e de outras propostas de intercâmbio virtual e examina algumas evidências recentes, no período entre 2020 e 2025, verificando seus efeitos e condicionantes.

Nesse contexto, cabe destacar o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como elemento estruturante das transformações no campo educacional, assim como previu Castells (1999) as tecnologias digitais em rede permitem uma conectividade fundamental para a evolução da sociedade e, neste caso à educação. O uso sucessivo de plataformas digitais, ambientes virtuais de aprendizagem e recursos síncronos e assíncronos permitiu que as práticas pedagógicas atravessassem barreiras de tempo e espaço, redefinindo a dinâmica de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, as TICs, ao popularizar o acesso a conteúdo e promoverem interações globais, tornaram-se não apenas ferramentas de apoio, mas também mediadoras centrais na construção de experiências educativas mais colaborativas, interculturais e críticas.

Com o avanço das tecnologias em rede, em especial a expansão da internet de alta velocidade e o desenvolvimento de ferramentas de comunicação interativa, criou-se um ambiente propício para o surgimento do método Collaborative Online International Learning (COIL). Nesse contexto, a COIL materializa o potencial das TICs, pois possibilita a internacionalização sem mobilidade física, reunindo estudantes e docentes de diferentes países em torno de atividades integradas e cocriadas. Assim, a prática consolida-se como expressão contemporânea das novas formas de comunicação em rede, abrindo caminho para que a análise da tétrede de McLuhan seja aplicada à sua compreensão, uma vez que evidencia os efeitos ampliados, obsolescências, recuperações e possíveis reversões desse modelo educacional. Este artigo apresenta, também, a experiência de uma das autoras, enquanto professora participante de um projeto COIL, com o objetivo de discutir as potencialidades da

metodologia para o ensino superior brasileiro e seus reflexos no campo da inovação, da ciência e do desenvolvimento regional.

Revisão da literatura

A literatura recente sobre COIL costuma se organizar em três frentes: 1. o que é COIL e como se diferencia de outras formas de intercâmbio virtual; 2. quais efeitos promove nas competências intercultural e digital; e 3. quais são os desafios para colocar a prática de pé em escala institucional.

Em relação ao aspecto conceitual, há um certo consenso: COIL é uma experiência pedagógica internacional e colaborativa, com docentes de diferentes instituições planejando juntos, propondo tarefas interdependentes e definindo metas interculturais de forma explícita (Hackett et al., 2024).

Os autores definem e distinguem a *Collaborative Online International Learning* - COIL, da prática mais ampla de *Virtual Exchange* - VE (intercâmbio virtual) no ensino superior e argumentam que, embora o VE seja frequentemente usado como um termo maior, a prática da COIL possui características exclusivas, como o foco na colaboração e na aprendizagem intercultural e de conteúdo curricular, que a diferenciam de outras iniciativas de VE, como a Tele colaboração, por exemplo.

Propõem, também, uma definição mais precisa e abrangente de COIL, incorporando seus elementos-chave: ser uma atividade inclusiva, ecológica e incorporada ao currículo, a fim de avançar a pesquisa e a prática educacional. O estudo analisa as teorias educacionais que sustentam a COIL, como a aprendizagem colaborativa e a teoria do contato intergrupar, e defende a necessidade de pesquisa empírica mais robusta para avaliar a eficácia dessa prática, separadamente de outras formas de VE.

Quanto aos efeitos, estudos experimentais e pesquisas de campo mostram ganhos mensuráveis na competência intercultural dos estudantes e, em muitos casos, avanços na competência digital, principalmente quando o projeto didático traz tarefas autênticas e suportes pedagógicos consistentes (Kopish et. al., 2024).

Os resultados atingidos pelos autores em relação às observações realizadas nas suas pesquisas de campo, com foco na metodologia COIL trazem cinco efeitos principais na formação dos estudantes. Primeiramente, há um fenômeno de lançar um

olhar para si próprio ao trabalhar com colegas de outro país, pois muitos passaram a refletir sobre quem são, de onde vêm e como seus valores e costumes impactam no jeito de aprender e de se relacionar. Muitos estudantes disseram que nunca haviam pensado tão profundamente em relação à sua identidade e alguns até descreveram tal experiência como uma “redescoberta de si mesmo”. Esse processo de autorreflexão os ajudou a reavaliar identidades pessoais, sociais e culturais.

Em seguida, foi observada uma consolidação da expansão das suas perspectivas de mundo. Ao comparar valores e normas sociais dos colegas estrangeiros, os estudantes reconheceram semelhanças e diferenças e, com isso, entenderam melhor problemas locais e globais. O uso de tecnologias também facilitou muito a comunicação entre indivíduos de línguas diferentes, derrubando barreiras e estereótipos e tornando as conversas mais ricas e significativas.

Outro aprendizado importante foi a consciência sobre poder. Muitos relataram que, pela primeira vez, analisaram como o poder influencia nas políticas locais e na geopolítica, produzindo um olhar bem mais crítico entre os alunos.

A empatia também ganhou destaque no estudo, por conta das trocas culturais. Os vídeos colaborativos produzidos durante as atividades estimularam o exercício de “se colocar no lugar do outro”. Estudantes disseram que perderam o medo de falar em outras línguas e se sentiram bem mais seguros para dialogar com pessoas de diferentes países. Isso fortalece a ideia de “cidadania global”.

Por fim, houve um avanço claro na comunicação eficaz. Apesar do receio inicial com o idioma do outro, as interações funcionaram bem, por conta das ferramentas de tradução e pelo esforço de muitos em se arriscarem para falar numa outra língua. Esse foco na comunicação mostrou que desenvolver competências globais e interculturais é possível quando a mensagem é pensada para públicos diversos e quando existe abertura para aprender e ajustar o que for preciso.

Outro efeito verificado é o crescimento do uso de ferramentas específicas para avaliar COIL, como escalas validadas de percepção discente, o que dá mais confiança às análises institucionais (Rozo-García et al., 2024), ou seja, são instrumentos que podem ser questionários, por exemplo, que medem a percepção dos estudantes em relação ao produto das suas ações ou experiências educacionais específicas. Buscam

analisar, principalmente, a clareza, a coerência, a relevância e a suficiência do que foi realizado pelo projeto proposto.

Percebe-se em estudos mais recentes a aproximação da COIL em relação à Agenda 2030, por meio do foco nos ODS como pautas reais para problemas globais e diálogo intercultural (Campoy-Cubillo et al., 2025). De acordo com os autores, a experiência COIL busca transformar o processo de aprendizagem dos estudantes, incentivando uma consciência de sustentabilidade que facilite a aprendizagem crítica sobre os ODS. O estudo menciona, também, o projeto de colaboração entre a Universitat Jaume I (Espanha) e a Algoma University (Canadá), que deu especial ênfase a alguns ODS, embora o material aponte a interconexão entre todos os objetivos, a saber: ODS 5 (Igualdade de Gênero), ODS 13 (Ação Climática), ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes), ODS 10 (Redução das Desigualdades) e ODS 18 (Comunicação para Todos).

Além disso, reconhece-se que ainda há lacunas a serem exploradas em estudos que busquem evidenciar e fortalecer a aplicação da metodologia COIL. Nesse sentido, recorreu-se à Tétrade de McLuhan (1977) como recurso analítico, com o propósito de corroborar as investigações existentes e de contribuir para possíveis aprimoramentos na implementação dessa metodologia no âmbito das instituições de ensino superior.

Finalmente, verifica-se que as revisões e relatos institucionais apontam para obstáculos frequentes, que são: diferenças de infraestrutura, barreiras linguísticas, necessidade de formação docente e de políticas internas que indicam caminhos para tornar a iniciativa sustentável ao longo do tempo (Fernández-César, 2024). Tais dificuldades apontadas podem ser equacionadas por meio de designs experimentais que permitam a comparação da COIL com outras metodologias, da melhora das ferramentas de medição, ou seja, análise de diversos aspectos das ações e do apoio Institucional e do reconhecimento profissional, entre outras questões.

Método

Trata-se de uma revisão sistemática de artigos recentes sobre o tema abordado. Além disso, este estudo apresenta registros de uma experiência colaborativa entre uma faculdade pública estadual de Guaratinguetá, local em que a

professora coautora deste artigo leciona, e a Yerevan State University (Armênia), realizada em formato virtual e extracurricular durante sete semanas, em 2024. Participaram da atividade COIL 32 estudantes e 5 docentes, sendo 14 alunos e 2 professoras brasileiras. Os participantes da faculdade de Guaratinguetá, oriundos de diferentes cursos, foram selecionados conforme interesse, disponibilidade e nível intermediário de inglês, exigência dessa versão do projeto. As alunas armênias, por sua vez, estavam em fase final do curso de linguística.

As atividades ocorreram em inglês, via plataformas digitais (Zoom e Padlet), e incluíram discussões semanais de uma hora sobre temas culturais, gramaticais e webquests. Os professores brasileiros atuaram como facilitadores, e os grupos mistos permitiram que as estudantes armênias assumissem o papel de docentes sem recorrer à língua materna, enquanto os brasileiros ampliaram a prática do inglês e o contato intercultural.

O estudo segue uma perspectiva qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, utilizando como método o relato de experiência docente. A pesquisa qualitativa é adequada para compreender fenômenos em profundidade, considerando significados, percepções e contextos (Minayo, 2012). Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o problema, enquanto a descritiva tem como propósito principal descrever características de determinada população ou fenômeno. Esse tipo de abordagem é especialmente pertinente em estudos sobre práticas pedagógicas, pois permite captar nuances das interações e dos processos de aprendizagem (Lüdke; André, 1986).

Seu propósito é examinar a aplicação da metodologia COIL em cursos de graduação no Brasil, evidenciando seus efeitos nos âmbitos pedagógico, intercultural e institucional. A geração de dados ocorreu a partir de registros produzidos ao longo da execução do projeto, como planos de ensino, atividades colaborativas elaboradas pelos estudantes, interações e feedbacks em fóruns virtuais, além de anotações reflexivas do professor-pesquisador. Foram igualmente incorporadas as percepções levantadas em reuniões de acompanhamento realizadas entre as instituições participantes.

A organização da análise dos dados foi estruturada em três eixos alinhados aos objetivos desta pesquisa:

Internacionalização sem mobilidade física, ou seja, destacando as oportunidades de ampliar o acesso à internacionalização por meio de interações virtuais, sem mobilidade física;

Aprimoramento de competências digitais, multiculturais e linguísticas, por meio da análise dos avanços dos estudantes em colaboração, na comunicação em língua inglesa e no uso de recursos tecnológicos;

Projetos colaborativos e contribuições para o desenvolvimento regional, através da cooperação internacional podem favorecer a inovação científica e tecnológica vinculada às necessidades locais. Essa metodologia permite compreender de que forma COIL pode ser incorporado às políticas acadêmicas, consolidando-se como um recurso de internacionalização inclusiva, inovadora e alinhada ao desenvolvimento sustentável.

No contexto da revisão sistemática, utilizou-se como base complementar de análise a Tétrade de McLuhan para compreender o impacto da tecnologia no processo da colaboração internacional online.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Definição e distinções conceituais

Estudos recentes consolidam a diferenciação entre a COIL e outras práticas de intercâmbio virtual: enquanto *virtual exchange* abarca ampla variedade de interações on-line, COIL demanda o co-planejamento docente, interdependência de tarefas, avaliação formativa e metas interculturais explícitas (Hackett et al., 2024). Essa delimitação sustenta decisões curriculares e critérios de qualidade.

Pode-se afirmar, segundo O'Dowd (2021), que COIL está dentro do termo Virtual Exchange, apesar de algumas vezes esses termos serem usados de forma intercambiável.

O método educacional COIL tem sido muito usado para a internacionalização, seu ponto central é a participação de professores de instituições de países diferentes, que juntos elaboram projetos e atividades colaborativas para os alunos desenvolverem dentro dos grupos (Hackett et al., 2023).

Além disso, é importante destacar que existem várias possíveis explicações para o surgimento do COIL, sendo uma delas a baixa porcentagem de alunos que escolhem realizar intercâmbios no exterior durante a graduação (Hackett et al. (2024). Essa é uma realidade muito comum nas universidades brasileiras, destacando a faculdade pública estadual de Guaratinguetá, em que muitos alunos são de áreas vulneráveis, e fazer um intercâmbio no exterior durante a graduação é praticamente inalcançável.

Impactos sobre competências

Evidências indicam que a COIL eleva competência intercultural de forma mensurável e, frequentemente, a competência digital, sobretudo quando há tarefas autênticas, colaboração em grupos internacionais e suporte institucional (Hackett; Janssen; Van Tartwijk, 2023; Kopish et al., 2024). Tais ganhos alinham-se a perfis profissionais demandados em contextos globais e multiculturais.

Os resultados do projeto corroboram essas constatações, uma vez que os estudantes brasileiros relataram avanços significativos em termos de autoconfiança para se comunicar em inglês, além do desenvolvimento de competências linguísticas e comunicativas. Esses relatos estão em consonância com Hackett et al. (2023), que destacam a relevância de tarefas colaborativas para o fortalecimento da fluência oral em contextos interculturais.

No que diz respeito às competências digitais, o uso de plataformas como Zoom e Padlet foi avaliado de forma positiva pelos participantes, reforçando a literatura que aponta o papel das tecnologias digitais na ampliação das práticas colaborativas e no engajamento dos estudantes (Kopsh et al., 2024). Ademais, a interação intercultural contribuiu para a formação de uma postura mais aberta e reflexiva em relação à diversidade cultural, aspecto igualmente destacado por Hackett, Janssen e Van Tartwijk (2023).

As alunas armênias ressaltaram o crescimento pedagógico associado à experiência de atuar como docentes em língua estrangeira, confirmando que a COIL não apenas potencializa aprendizagens acadêmicas e linguísticas, mas também fomenta o desenvolvimento de competências profissionais voltadas para o ensino.

Assim, ao cruzar os achados da literatura com os dados empíricos do projeto, observa-se que a experiência relatada não apenas confirma as tendências apontadas

nos estudos internacionais, como também evidencia a pertinência do COIL em contextos brasileiros, especialmente em instituições públicas onde a mobilidade acadêmica internacional é pouco acessível.

Instrumentos e avaliação

A validação de escalas de percepção específicas para COIL contribui para a comparação entre e melhoria contínua dos programas (Rozo-García et al., 2024). A adoção de medidas mistas (questionários, análise de desempenho e de artefatos) é recomendada para captar mudanças cognitivas, afetivas e comportamentais.

A partir disso, ressalta-se que nesta aplicação COIL utilizamos os seguintes instrumentos para captar as percepções dos alunos quanto ao projeto: preenchimento de um forms (com perguntas abertas), feedback em conversas após o final dos encontros, e anotações da professora participante coautora deste trabalho durante o desenvolvimento do projeto.

Percepções dos alunos

Ao analisar os *feedbacks*, a professora participante deste projeto observou que a experiência foi enriquecedora para os alunos brasileiros, pois foi unânime a resposta deles quanto ao bom desenvolvimento da habilidade linguística comunicativa, sobretudo o domínio da língua, o fortalecimento da autoconfiança para se comunicar em inglês e o enriquecimento cultural. Tais percepções dialogam com Hackett, Janssen e Van Tartwijk (2023), que apontam que a prática colaborativa em grupos internacionais favorece tanto a fluência linguística quanto a segurança dos estudantes em contextos comunicativos reais.

De acordo com o relato das alunas armênias, essa foi uma experiência de aprimoramento profissional, pois puderam ensinar ao mesmo tempo em que aprendiam, desenvolvendo competências pedagógicas em seu último ano da licenciatura. Esse resultado corrobora estudos de Kopish et al. (2024), que destacam a COIL como estratégia para potencializar não apenas a aprendizagem intercultural, mas também a preparação profissional de futuros docentes.

Assim, embora o relato dos alunos traga percepções subjetivas, sua análise à luz da literatura permite observar convergências entre os dados empíricos e os achados teóricos já discutidos. O fortalecimento de competências linguísticas, interculturais e pedagógicas evidencia que a experiência vivenciada pelos

participantes está alinhada às tendências internacionais de impacto positivo do COIL, especialmente em contextos em que a mobilidade física internacional é limitada.

O impacto do COIL para o Desenvolvimento Regional

A aplicação da metodologia COIL (*Collaborative Online International Learning*) apresenta impactos significativos no fortalecimento do desenvolvimento regional, uma vez que conecta instituições de ensino superior a redes globais de conhecimento, mas com repercussões diretas no território em que se inserem. Do ponto de vista dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), iniciativas de cooperação internacional virtual favorecem especialmente ODS 4 que se refere a educação de qualidade; ODS 8 referentes ao trabalho decente e crescimento econômico e o ODS 10 que diz respeito a redução das desigualdades.

No que se refere ao ODS 4, Educação de Qualidade, o COIL contribui para a promoção de um ensino inclusivo e equitativo, ao ampliar o acesso a experiências interculturais e a conteúdos globais sem a necessidade de mobilidade física. Essa democratização do acesso ao conhecimento possibilita que estudantes de diferentes regiões, inclusive periféricas ou com restrições econômicas, participem de redes internacionais de aprendizagem. Nessa perspectiva, confirma-se a teoria de Perroux (1967), segundo a qual polos de crescimento podem surgir a partir da concentração de inovação e conhecimento em determinados setores, irradiando efeitos positivos sobre o entorno regional.

Já o ODS 8, trabalho decente e crescimento econômico, encontra correspondência direta com as práticas de COIL, uma vez que a integração internacional promove o desenvolvimento de competências interculturais, linguísticas e digitais, fortemente demandadas pelo mercado de trabalho contemporâneo. O fortalecimento dessas habilidades contribui para a formação de um capital humano mais competitivo, o que dinamiza a economia local e regional. Sob a perspectiva da teoria da causalidade cumulativa de Myrdal (1957), esse processo tende a gerar efeitos multiplicadores: a qualificação profissional ampliada atrai investimentos e novas oportunidades de emprego, que, por sua vez, fortalecem a economia e criam um ciclo virtuoso de desenvolvimento.

O ODS 10, redução das desigualdades, também é diretamente contemplado pela metodologia COIL, na medida em que promove a inclusão de estudantes que,

por barreiras financeiras, geográficas ou sociais, não teriam acesso a experiências internacionais tradicionais. Ao proporcionar trocas globais mediadas pela tecnologia, a prática reduz assimetrias de oportunidades educacionais e profissionais entre regiões centrais e periféricas. Esse movimento converge novamente com a lógica de Perroux, ao transformar universidades em pólos de difusão de conhecimento e inovação, mas também dialoga com Myrdal, ao criar mecanismos de retroalimentação positiva que reduzem desigualdades e fortalecem trajetórias de desenvolvimento local.

Assim, ao integrar práticas colaborativas internacionais ao ensino superior, a COIL atua como vetor estratégico de dinamização regional, alinhando-se às agendas globais de desenvolvimento sustentável e confirmando o papel da educação como elemento estruturante de transformações socioeconômicas.

A Tétrade de McLuhan aplicada à Tecnologia associada ao método COIL

De acordo com McLuhan (1977), toda tecnologia ou meio pode ser analisado a partir de quatro dimensões complementares, conhecidas como tétrade: (1) aquilo que intensifica, (2) o que torna obsoleto, (3) o que recupera e (4) o que reverte quando levado ao extremo. A seguir, apresenta-se a aplicação desse modelo à metodologia Collaborative Online International Learning (COIL), a qual auxilia a compreender como a prática da COIL se insere no ecossistema da internacionalização do ensino superior.

Intensifica: O método COIL amplia a internacionalização inclusiva no ensino superior, uma vez que permite a participação de estudantes sem necessidade de mobilidade física. Intensifica, ainda, o desenvolvimento de competências interculturais, digitais e linguísticas, ao promover o uso de ferramentas virtuais e o contato direto entre diferentes culturas. Também fortalece a cooperação entre instituições de ensino superior e contribui para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 4, 8 e 10), alinhando-se à formação de cidadãos globais.

Torna obsoleto: O modelo tradicional de intercâmbio presencial elitizado, muitas vezes restrito a estudantes com maior poder econômico, torna-se menos central. Da mesma forma, práticas pedagógicas exclusivamente locais ou unilaterais perdem força, uma vez que o COIL promove experiências globais sem a necessidade de deslocamento físico.

Recupera: A metodologia resgata a tradição de trocas acadêmicas à distância, outrora realizadas por correspondências ou programas de intercâmbio limitados. Recupera, ainda, a noção de educação como prática coletiva e intercultural, reforçando valores como empatia, reflexão crítica e cidadania global, destacados nas experiências analisadas.

Reverte: Quando levado ao extremo, o COIL pode gerar novas desigualdades, como a exclusão digital de estudantes e instituições que não dispõem de infraestrutura tecnológica. Pode também conduzir à padronização cultural, na medida em que o uso predominante do inglês e de culturas hegemônicas limite a diversidade de vozes. Além disso, corre-se o risco de interações interculturais superficiais, caso as práticas pedagógicas não sejam cuidadosamente planejadas.

Dessa forma, a análise pela téttrade de McLuhan evidencia que o COIL se consolida como prática inovadora de internacionalização da educação superior, mas que requer suporte institucional e políticas de inclusão digital para evitar que seus benefícios se revertam em novos fatores de desigualdade.

Considerações Finais

A prática da COIL traz resultados consistentes porque junta colaboração internacional, tarefas reais e objetivos interculturais claros. Os estudantes passam a olhar mais para si e para o mundo com espírito crítico, ganham empatia e aprendem a se comunicar melhor com diferentes públicos, escolhendo palavras com mais clareza e negociando sentidos entre línguas e culturas. Esses ganhos continuam depois do projeto: a participação nas aulas aumenta, as perguntas ficam mais maduras e o trabalho em equipe flui melhor. Para os docentes, a parceria vira um bom campo de teste para ajustar rubricas, avaliações formativas qualitativas e estratégias de mediação virtual. Quando a instituição dá apoio firmando acordos, organizando calendário, providenciando infraestrutura e dando reconhecimento ao trabalho docente, até os módulos curtos conseguem impulsionar competências interculturais, digitais e colaborativas sem depender de viagens, que geram um custo alto para os estudantes e internacionalizando o currículo dentro da própria escola ou universidade.

Sob a perspectiva da Téttrade de McLuhan (1977), a COIL intensifica a colaboração global e a integração de competências digitais; torna obsoleta a noção

de internacionalização restrita à mobilidade física; recupera o sentido de comunidade acadêmica e de aprendizagem intercultural em rede; e, quando levada ao extremo, pode reverter-se em sobrecarga para docentes e desigualdades entre instituições com diferentes níveis de infraestrutura tecnológica. Essa análise evidencia que a COIL não apenas amplia horizontes acadêmicos, mas também reconfigura práticas pedagógicas e institucionais.

Entretanto, é necessário ponderar, pois muitas evidências vêm de estudos quase experimentais e de relatos dos próprios participantes, então é importante ampliar as pesquisas científicas com métodos mistos, instrumentos padronizados e acompanhamentos ao longo do tempo para ver se os efeitos se mantêm. Também ajuda se houver diversificação das áreas, dos níveis de ensino e dos contextos socioeconômicos, além de investir no planejamento das atividades com vistas a garantir que todos participem de forma equilibrada nas equipes multiculturais.

Em resumo, quando há intenção pedagógica clara e políticas de inclusão digital que reduzem as desigualdades de acesso, a COIL deixa de ser um evento isolado e vira uma prática do dia a dia. O resultado é formar gente mais reflexiva, empática e preparada para colaborar com diferentes realidades, do jeito que a educação contemporânea exige.

Referências

CAMPOY-CUBILLO, M. C.; JIMÉNEZ-ESTRADA, V. *A critical approach to SDGs through Collaborative Online International Learning: experiences from Canada and Spain*. *Frontiers in Education*, v. 9, art. 1520859, 2025. DOI: 10.3389/feduc.2024.1520859. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/feduc.2024.1520859>. Acesso em: 28 set. 2025.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura*. Volume I. Tradução de Roneide Venâncio Majer e Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERNÁNDEZ-CÉZAR, R. *Collaborative Online International Learning: experiences in higher education*. *EDUcation Policy and Independent Journal (EDUPIJ)*, 2024. Disponível em: <https://edupij.com/>. Acesso em: 11 set. 2025.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HACKETT, S.; DAWSON, M.; JANSSEN, J.; VAN TARTWIJK, J. *Defining Collaborative Online International Learning (COIL) and distinguishing it from Virtual Exchange*. TechTrends, v. 68, n. 6, p. 1078-1094, 2024. DOI: 10.1007/s11528-024-01000-w. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11528-024-01000-w>. Acesso em: 28 set. 2025.

HACKETT, S.; JANSSEN, J.; BEACH, P.; PERREAULT, M.; BEELEN, J.; VAN TARTWIJK, J. *The effectiveness of Collaborative Online International Learning (COIL) on intercultural competence development in higher education*. International Journal of Educational Technology in Higher Education, v. 20, n. 1, art. 5, 2023. DOI: 10.1186/s41239-022-00373-3. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s41239-022-00373-3>. Acesso em: 28 set. 2025.

KOPIŞH, M. A.; ZAYIMOĞLU ÖZTÜRK, F. *Collaborative Online International Learning: A Promising Practice for Developing Intercultural and Global Competencies with Turkish and American Teacher Candidates*. Frontiers: The Interdisciplinary Journal of Study Abroad, v. 36, n. 2, 2024. Disponível em: <https://frontiersjournal.org/index.php/Frontiers/article/view/925>. Acesso em: 28 set. 2025.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1977.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MYRDAL, G. *Economic theory and underdeveloped regions*. London: Duckworth, 1957.

O'DOWD, R. (2021). *Virtual exchange: Moving forward into the next decade*. Computer Assisted Language Learning, 34(3), 209–224. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09588221.2021.1902201>. Acesso em: 28 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Nova Iorque: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 27 set. 2025.

PERROUX, F. *L'économie du XXe siècle*. 3. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

ROZO-GARCÍA, H.; ALCANTAR-NIEBLAS, C.; RAMÍREZ-MONTOYA, M. S. *Scale to measure student perception in collaborative online international learning experiences: design and validation*. Frontiers in Education, v. 9, art. 1401295, 2024. DOI: 10.3389/educ.2024.1401295. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/educ.2024.1401295>. Acesso em: 28 set. 2025.